

# Cosmópolis

## mobilidades culturais às origens do pensamento antigo

**Gabriele Cornelli, Maria do Céu Fialho  
e Delfim Leão  
(coords.)**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

**O SERTÃO PARA ALÉM DO SERTÃO: ANTROPOLOGIA DO HOMEM  
ITINERANTE. UMA LEITURA DO *GRANDE SERTÃO: VEREDAS* DE  
JOÃO GUIMARÃES ROSA<sup>1</sup>**

(The “Sertão” beyond “Sertão”: anthropology of the traveling man. A reading  
of the *Grande Sertão: Veredas* by João Guimarães Rosa)

MIRIAM CAMPOLINA DINIZ PEIXOTO (mcdpeixotobh@gmail.com)  
Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: O itinerário de Riobaldo Tatarana nas veredas do *Grande Sertão* é, antes de mais nada, um itinerário interior pelas sendas e impasses nos quais se entrelaçam os eventos implicados na construção de si mesmo. Em encontros e desencontros, andanças e derivas que se sucedem, delineiam-se os desafios implicados na construção do homem que Riobaldo irá se tornar. Nos bastidores de sua história, uma antropologia vai sendo subliminarmente desenhada. Neste processo, o sertão é a cena na qual se desenrola o enredo, mas também o parceiro, o *alter ego* e, enfim, o território interior a ser percorrido como no rito de muitas passagens.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia; cosmologia; Guimarães-Rosa; Sertão

ABSTRACT: The journey of Riobaldo Tatarana in João Guimarães Rosa’s *Grande Sertão: Veredas* is, above all, an inside journey across the paths and deadlocks in which the events, implicated in the construction of the character himself, are interwoven. Amongst meetings, disagreements and wandering drifts that successively happen, the challenges - involved in the construction of the person that Riobaldo will later become - are outlined. In the backstage of his history, an anthropology will gradually and subliminally come into existence. In this process, the “sertão” is the scenario in which the plot develops, but is also a partner, the *alter ego*, and, finally, the inner territory that is to be crossed as in a rite of many passages.

KEYWORDS: Anthropology; Cosmology; Guimarães-Rosa; sertão

O *Grande Sertão: Veredas*<sup>2</sup>, romance épico do escritor mineiro João Guimarães Rosa (1908-1967), é uma obra cujo enredo se constitui no emaranhado das encruzilhadas e travessias que configuram a epopéia humana. A narrativa se exerce como um ato de compreensão, como uma viagem pelas veredas da memória

---

<sup>1</sup> Neste texto tentamos mostrar quão fértil pode se revelar para a *interrogatio* filosófica a frequentação dos clássicos da literatura, e em que medida eles podem oferecer um rico material ao pensamento, interpellando de modo denso e profícuo os que são acometidos pelo *pathos* filosófico.

<sup>2</sup> Rosa, J. G. *Grande Sertão: Veredas*. 19a edição, 8a impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. Primeira edição: 1956. Todas as passagens desta obra serão indicadas pelas iniciais “GSV” do título, seguidas da página em que se encontra na edição *supra*.

em busca da efetividade do vivido, o que de fato somente pode acontecer, no âmbito de uma *filosofia do ser-tão*, graças à mediação da narrativa. Entretanto, falar de uma *“filosofia do sertão”* poderia soar estranho<sup>3</sup>. Tão estranho quanto poderia soar qualquer projeto de circunscrição espacial e temporal da filosofia, ou uma regionalização dos seus objetos. Afinal, o pensamento filosófico almeja o que-é-sempre, mesmo quando se apraz em pensá-lo em sua expressão no fluxo das coisas que devêm. Assim ocorre, como notou Campos, com a narrativa Roseana, que se apresenta como “um fluxo contínuo, sem pausa, um só fôlego, riororrente” (Campos, 1991: 327). Aquilo sobre o que ela se propõe a discorrer escapa e não escapa no fluir do vivido feito narrativa, e encontra sua subsistência, sua constância, no ato mesmo de rememorar, de narrar. A memória atua neste processo como o fio com o qual se tece a continuidade, como um elo que faz aparecer o sentido, que traz em si a força da revelação que confere efetividade ao vivido.

O objeto do pensamento filosófico não conhece fronteiras nem limites territoriais e temporais que não sejam aqueles estabelecidos pela criação de conceitos. E é precisamente por *ser tão* universal que o “sertão”, objeto deste romance-épico, cosmo que se erige em topos de uma reflexão sobre o mundo e sobre o homem, implode os limites e os contornos da geografia física<sup>4</sup> e humana. Guimarães Rosa elaborou, sob a forma de uma prosa poética, uma instigante interrogação filosófica a um só tempo cosmológica, ontológica e antropológica. Ao diluir as fronteiras do sertão e confundi-lo com as “fronteiras” do humano, ele confere ao primeiro o caráter de um não lugar, afirmando sua efetividade na sua onipresença. Albuquerque Júnior descreve como se segue a onipresença do sertão:

---

<sup>3</sup> Para S. Viegas, “no *Grande Sertão: Veredas* encontramos uma expressão poética em vários aspectos análoga à que gestou a reflexão filosófica ocidental”, o que se pode notar de modo mais claro no valor que assume nesta obra a palavra enquanto topos de reflexão: “a dimensão metafísica da palavra, na obra de Guimarães Rosa, supõe um esforço poético-filosófico de pensar a realidade e de intuir o valor significativo da palavra para além de qualquer padrão rígido de racionalidade.” (Viegas, 1985: 348).

<sup>4</sup> Apesar de indicar, no mais das vezes, a região nordeste do Brasil, a palavra sertão se refere em sua origem a uma região afastada da cidade, distante e com pouca densidade populacional. Na época colonial o termo se referia ao interior do país. Formada, provavelmente do verbo latino *sero, is, serui, sertum, serere*, «ligar com fio, tecer, juntar, atar», e conexo a *serta, orum*, «termo de botânica em Plínio e com sermo, onis, «modo de expressao, linguagem, conversação», ela pode ainda estar relacionada com o verbo latino *desero, is, deserui, desertum, deserere*, «destacar-se, soltar-se, desertar», donde *deserção, desertado e deserto*, entre outros, foi empregada pelos Portugueses para denominar o semi-árido em virtude das suas condições climáticas. Com a repetição do «de», passou a ser chamado «de sertão». Ou poderia ainda ser referido à palavra «sertã», que significa frigideira, geralmente rasa e larga. Conhecendo a erudição linguística do autor do *Grande Sertão: Veredas*, e o seu gosto pela exploração das palavras, não é impossível imaginar que tenha tido presente este conjunto de sentidos ao construir sua obra tomando por cenário e por cena um termo tão rico em possibilidades e consequências.